

O PRAZER NA FILOSOFIA DE MALEBRANCHE: UM HEDONISMO CRISTÃO QUE BEIRA AO EPICURISMO

Jeferson da Costa Vaz¹

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de analisar a obra do filósofo Nicolas Malebranche (1638–1715), na intenção de defender a tese de que ele propôs uma filosofia hedonista, muito embora cristã. Consultaremos tanto a obra filosófica do autor, como também a repercussão da mesma no contexto do século XVIII a partir do *Dictionnaire* de Bayle. Além disso, investigamos também a biografia do autor, com o intento de compreender alguma motivação entre as suas vivências para a escolha por uma filosofia que faz apologia ao prazer. Cada abordagem diz respeito a uma parte deste trabalho, sendo a primeira delas voltada aos textos filosóficos do autor em que indicamos como ele argumenta em defesa do prazer. Na segunda abordagem, focamos em sua biografia escrita por Yves-Marie Andre (1675–1764) na busca de compreender o motivo pelo qual Malebranche recusou o estoicismo e propôs uma doutrina que podemos aproximar do epicurismo. Por fim, o objetivo é analisar a repercussão da obra de Malebranche, com ênfase no papel do prazer em sua doutrina, a partir de Bayle. Percebemos, a partir dessa pesquisa, que com base na repercussão de sua obra, na sua biografia e no arranjo argumentativo interno à sua doutrina, podemos compreender Malebranche como um filósofo hedonista.

¹ Doutor em Filosofia pelo *Joint PhD Programme – Dottorato in Scienze Umane dell'Università degli Studi di Ferrara* (UniFE-ITA) e Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR (PPGF/PUCPR-BRA) com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES). Foi Bolsista Erasmus-Mundi em Linz (Austria) na *Katholische Privat-Universität Linz*. Mestre em Filosofia pelo PPGF/PUCPR (2019-2021) com bolsa CAPES. Graduado em Licenciatura em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2018).

Palavras-chave

Prazer. Felicidade. Hedonismo. Malebranche. Epicurismo.

Abstract

This article aims to analyze the work of philosopher Nicolas Malebranche (1638–1715) in support of the thesis that he proposed a hedonistic, albeit Christian, philosophy. We will consult both the author's philosophical work and its impact in the 18th-century context, based on Bayle's *Dictionnaire*. We also investigate the author's biography, attempting to understand some of the motivations, based on his experiences, for choosing a philosophy that advocates pleasure. Each approach addresses a specific part of this work; the first focuses on the author's philosophical texts, where we demonstrate how he argues in defense of pleasure. In the second, we focus on his biography written by Yves-Marie Andre (1675–1764) in an attempt to understand why Malebranche rejected Stoicism and proposed a doctrine that can be approximated to Epicureanism. Finally, the objective is to analyze the impact of Malebranche's work, with an emphasis on the role of pleasure in his doctrine, based on Bayle. From this research, we can see that, based on the impact of his work, his biography, and the argumentative structure within his doctrine, we can understand Malebranche as a hedonistic philosopher.

Keywords

Pleasure. Happiness. Hedonism. Malebranche. Epicureanism.

Neste artigo propomos a realização de um exame acerca do prazer na filosofia de Malebranche. Nossa ênfase será no par prazer e dor e a relação disso com a felicidade. Acreditamos que essa proposta é relevante por se tratar de uma abordagem inédita acerca de um autor ainda pouco estudado no contexto da produção filosófica brasileira, sobretudo no que se refere à sua doutrina sobre a dimensão passional humana. Nesse artigo defendemos a tese de que Malebranche propôs uma filosofia hedonista que, embora pautada no cristianismo, atualiza a proposta de Epicuro. Evidentemente, considerando a dificuldade de conciliar o atomismo

epicurista com o cristianismo difundido no século XVII, percebemos que não se trata de uma assimilação integral do epicurismo. Porém, no tocante a doutrina do prazer, podemos afirmar inegavelmente que a associação realizada entre os dois autores no século XVIII, não foi em vão.

Para isso, o presente artigo será dividido em três partes. Na primeira delas, buscamos indicar como o prazer funciona como um operador conceitual no interior da filosofia de Malebranche. A questão sobre a qual refletimos se coloca da seguinte maneira: como Malebranche justifica o prazer em sua doutrina? Oferecemos uma seção na qual o conceito de prazer é associado com a felicidade do sujeito, tanto pela sua utilidade, quanto pelo papel que ele exerce na relação do *moi* com Deus. Para isso, consultaremos parte de suas obras para indicar a associação desse conceito com a noção de Glória divina proposta pelo autor.

Em seguida, buscaremos algumas razões biográficas para a defesa que ele faz do hedonismo e as críticas que faz ao estoicismo. Sugerimos uma reflexão sobre como conexão entre prazer e felicidade explicitamente manifesta um distanciamento em relação ao estoicismo, possibilitando uma aproximação com Epicuro. Acreditamos que as experiências vividas pelo autor ao lidar com uma enfermidade dolorosa, influenciaram na sua escolha filosófica que, conforme mencionamos em outra oportunidade, redesenha um hedonismo cristão semelhante ao de Pierre Gassendi (1592–1655).

Por fim, na terceira parte, focamos na repercussão da filosofia de Malebranche sobre o prazer, dando ênfase no *Dictionnaire Historique Critique* de Bayle. Nessa seção, propomos uma análise da maneira em que o próprio Bayle estabeleceu uma relação entre Malebranche e Epicuro, de maneira que o padre do Oratório protagoniza um debate muito popular no verbete *Epicure* do documento supracitado.

O prazer e a felicidade: o prazer é causado por Deus

De um só golpe, poderíamos concluir que, uma vez que só há uma causa verdadeira para tudo o que se sucede no mundo para Malebranche, Deus é quem causa o prazer em nós. Neste caso, Deus também causaria a dor. Portanto, a dor e o prazer não estão associados a objetos que

desfrutamos no mundo, mas com uma causa transcendente que opera para que tais estímulos se realizem no sujeito na ocasião da fruição desses objetos. Mesmo concluindo isso, porém, cabe compreender os motivos pelos quais Deus opera em prol disso nesta doutrina.

Para Malebranche, há uma Providência divina que prescreve a necessidade de todas as criaturas se inclinarem a Deus. Essa necessidade advém do fato de que Deus criou o mundo para a Sua glória. Em torno disso, comenta Stencil (2011, p. 1112): “A teodiceia de Malebranche começa com a afirmação de que Deus é capaz de agir apenas por Sua própria Glória” (STENCIL, 2011, p. 1112)². Para o padre do Oratório, Ele é como um Arquiteto responsável pela confecção de algo belo e que reconhece essa beleza. Deste reconhecimento Ele extrai uma glória. É possível ainda que, além do gesto de apreço feito pelo próprio Arquiteto, as criaturas ainda reconheçam tal beleza, donde se segue um outro tipo de glória que não se desvincula da primeira, embora não seja uma consequência necessária da primeira, ao menos no exemplo mencionado por Malebranche. Vejamos:

Quando um arquiteto faz um edifício cômodo e com uma excelente arquitetura, ele tem uma secreta complacência, pois sua obra o faz testemunha sua habilidade em sua arte. Assim, pode-se dizer que a beleza de sua obra o faz honra, porque ela porta o caráter das qualidades com as quais se glorifica, das qualidades que estima, que ama e que se alegra em possuir. Que aconteça, além disso, de alguém se deter para contemplar seu edifício e para admirar nele a conduta e as proporções, o arquiteto tira dele uma segunda glória, que é ainda principalmente fundada sobre o amor e a estima que tem das qualidades que possui, e que se alegraria em possuir em um grau mais eminente. Pois se acreditasse que a qualidade de arquiteto fosse indigna dele, se desprezasse essa arte ou essa ciência, sua obra cessaria de honrá-lo, e aqueles que o louvariam por tê-la construído o deixariam confuso. (*Entretiens*, 1922, IX, iv, p. 202-203 – SZK)³

² “Malebranche’s theodicy begins with the claim that God is able to act only for His own glory.” — Tradução nossa.

³ « Lorsqu'un architecte a fait un édifice commode et d'une excellente architecture, il en a une secrète complaisance, parce que son ouvrage lui rend témoignage de son habileté dans son art.

Deus opera tal qual o arquiteto que busca realizar algo da maneira mais primorosa possível e que extrai disso uma glória. É por este motivo que cria os seres inclinados a Si, pois é mais plausível que o autor de uma bela obra a ame e seja amado. Não havendo essa coerência, ou seja, se o autor não admirasse a própria obra enquanto outros a admiram, o projeto seria confuso. Neste sentido, Deus criou um mundo para se vangloriar, pois, assim, está de acordo com as criaturas inclinadas a amá-Lo pela Sua obra. Logo, há uma concorrência⁴ entre Deus e Suas criaturas que convergem para a Glória Dele, pois

Se Deus, criando este mundo, tivesse produzido uma matéria infinitamente extensa, sem imprimir nela algum movimento, os corpos não seriam todos diferentes uns dos outros. Todo o mundo visível seria, no presente, apenas uma massa de matéria ou de extensão que bem poderia servir para tornar conhecida a grandeza e o poder de seu autor, mas não haveria essa sucessão de formas e essa variedade de corpos que compõe toda a beleza do universo e que leva todos os espíritos para a admirar a sagacidade infinita daquele que o governa. (*Recherche*, 1837, IV, I, i, p. 125)⁵

Ainsi, on peut dire que la beauté de son ouvrage lui fait honneur, parce qu'elle porte le caractère des qualités dont il se glorifie, des qualités qu'il estime et qu'il aime, et qu'il est bien aise de posséder. Que s'il arrive, de plus, que quelqu'un s'arrête pour contempler son édifice, et pour en admirer la conduite et les proportions, l'architecte en tire une seconde gloire, qui est encore principalement fondée sur l'amour et l'estime qu'il a des qualités qu'il possède, et qu'il serait bien aise de posséder dans un degré plus éminent; car s'il croyait que la qualité d'architecte fût indigne de lui, s'il méprisait cet art ou cette science, son ouvrage cesserait de lui faire honneur, et ceux qui le loueraient de l'avoir construit lui donneraient de la confusion.» – A abreviatura **SZK** refere-se à tradução das **Entretiens** de Malebranche, realizada pelo Prof. Dr. Sacha Zilber Kontic. O texto traduzido, ainda no prelo, foi utilizado nesta pesquisa. O autor apresentou o seu processo de tradução do grupo de estudos da Sociedade Malebranche, pedindo aos/às participantes sugestões para melhorias para a versão final. O uso desta tradução é uma escolha do autor para a pesquisa e se alinha com o princípio de honestidade intelectual. — Tradução nossa.

⁴ Diante da ciência de que Malebranche, no *Éclaircissement XV*, usa o termo concorrência em outro contexto, alertamos que não adotamos o conceito com base no texto referido nesta nota.

⁵ « *Si Dieu, en créant ce monde, eût produit une matière infiniment étendue, sans lui imprimer aucun mouvement, tous les corps n'auraient point été différents les uns des autres. Tout ce monde visible ne serait encore à présent qu'une masse de matière ou d'étendue qui pourrait bien servir à faire connaître la grandeur et la puissance de son auteur ; mais il n'y aurait pas cette succession de forme et cette variété de corps qui fait toute la beauté de l'univers, et qui porte tous les esprits à*

O movimento faz com que a alma seja conduzida a admirar a Deus. Não se trata, assim, do mero conhecimento das habilidades do Criador na realização de Sua obra. O sujeito é orientado a potencializar o sentimento de glória que o Arquiteto desfruta diante de Sua obra, o sentimento no qual toda a glória, seja ela própria ou advinda de terceiros, se enraíza.

Contudo, não são apenas os movimentos concernentes ao sujeito que potencializam essa glória. A beleza do mundo é resultante do movimento existente na esfera criada. Sem o movimento, não haveria a diferença; o mundo não seria divertido e repleto de uma diversidade de seres. Operando o que Deprun (1979, p. 189) compreendeu como “analogia psicofísica”, o filósofo explicou como os movimentos da matéria e do espírito convergem para a glória divina. Disse ele:

Ora, parece-me que as inclinações dos espíritos são para o mundo espiritual o que o movimento é para o mundo material; e que se todos os espíritos fossem sem inclinações, ou se nunca lhes faltasse nada, não se encontraria na ordem das coisas espirituais aquela variedade que não só faz admirar a profundidade da sabedoria de Deus, como faz a diversidade que se encontra nas coisas materiais, mas também na sua misericórdia, na sua justiça, na sua bondade e, em geral, em todos os seus outros atributos. A diferença nas inclinações produz, portanto, nos espíritos um efeito bastante semelhante ao que a diferença nos movimentos produz nos corpos; e as inclinações dos espíritos e os movimentos dos corpos compõem toda a beleza dos seres criados. Então todas os espíritos devem ter algumas inclinações, assim como os corpos têm movimentos diferentes. (*Recherche*, 1837, IV, I, i, p. 125)⁶

admirer la sagesse infinie de celui qui le gouverne. » – Tradução nossa. — Assim como nas outras ocasiões, a citação à obra *De la Recherche de la Vérité* de Malebranche será referenciada pela abreviatura *Recherche*, seguida do Ano, Livro, Capítulo, Parágrafo para, enfim, o número da página onde a citação se encontra na edição consultada.

⁶ « Or, il me semble que les inclinations des esprits sont au monde spirituel ce que le mouvement est au monde matériel; et que si tous les esprits étaient sans inclinations, ou, s'ils ne voulaient jamais rien, il ne se trouverait pas dans l'ordre des choses spirituelles cette variété qui ne fait pas seulement admirer la profondeur de la sagesse de Dieu, comme fait la diversité qui se rencontre dans les choses matérielles, mais aussi sa miséricorde, sa justice, sa bonté, et généralement tous ses autres attributs. La différence des inclinations fait donc dans les esprits un effet assez semblable à celui que la différence des mouvements produit dans les corps; et les inclinations des esprits et les mouvements des corps font ensemble toute la beauté des êtres créés. Ainsi tous les esprits doivent avoir quelques inclinations, de même que les corps ont différents mouvements. » – Tradução nossa.

As inclinações do espírito o conduzem-no para o Bem universal, ou seja, para Deus. Trata-se de uma inclinação para algo que se situa além do campo perceptível pelo sujeito. Sendo assim, esta inclinação se converte em vontade que anseia pelo Bem, que, em última instância, é o prazer.

Esta inclinação que leva a Deus auxilia o sujeito a conservar o próprio corpo, o que contribui para a manutenção da obra divina. Na busca pelo bem, o *moi* evita situações danosas ao corpo. Porém, operando em prol da conservação, o sujeito não se relaciona com ideias, mas com sentimentos. Logo, não está na esfera do conhecimento possível, mas na dos sentimentos obscuros da dimensão tenebrosa da alma. Neste sentido, argumenta Alquié (1974, p. 46):

Ora, Malebranche professa que, da alma, não temos, propriamente dizendo, nenhuma ideia. Assim como sua união com o corpo, a existência da alma nos é conhecida pelo sentimento. E sua essência nos escapa. A partir daí, os próprios fundamentos da argumentação de Descartes nos são retiradas. Malebranche deve justificar de outra forma, a tese que adota: ele estabelece, portanto, a distinção da alma e do corpo vendo uma consequência necessária dos desejos de Deus⁷.

A razão não conduz o sujeito a se orientar acertadamente para determinado objeto, no momento mesmo em que se afasta de outros. Trata-se, pois, de um sentimento que conduz ao bem e que demanda da razão o papel secundário de auxiliar no processo de gerenciamento dos afetos. É no âmbito do incognoscível que nos situamos ao abordar o prazer e a dor. Vale lembrar que

O sentimento interior que tenho de mim mesmo me ensina que existo, que penso, que desejo, que sinto, que padeço, etc., mas ele não me faz conhecer o que sou, a natureza do meu pensamento, de minha vontade, dos meus sentimentos, de minhas paixões, de minha dor, nem as relações que todas essas coisas possuem entre

⁷ « Or, Malebranche professe que, de l'âme, nous n'avons, à proprement parler, aucune idée. Tout comme son union avec le corps, l'existence de l'âme, nous est connu par sentiment. Et son essence nous échappe. Dès lors, les fondements mêmes de l'argumentation de Descartes nous sont retirés. Malebranche doit justifier autrement la thèse qu'il adopte : il établit donc la distinction de l'âme et du corps en y voyant une conséquence nécessaire des desseins de Dieu. » — Tradução nossa

si. Pois, mais uma vez, não possuindo a ideia de minha alma, não vendo o arquétipo dela no Verbo divino, não posso descobrir ao contemplá-la nem o que ela é, nem as modalidades das quais ela é capaz, nem enfim a relação que existem entre suas modalidades. Relações que sinto vivamente sem conhecê-las, mas relações que Deus conhece claramente sem senti-las. (*Entretiens*, 1922, III, vii, p. 60 – SZK)⁸

O prazer está na ordem dos sentimentos, da incomensurabilidade, do irracional. Diante disso, é plausível que se emitam juízos equívocos acerca destas condições. Todavia, este equívoco em nada prejudica na conservação do corpo. No *Troisième Entretien* Malebranche menciona o exemplo da doçura de um arranjo musical. Não há dúvidas de que se trata de um exemplo extravagante, uma vez que a música não afeta diretamente o paladar. Porém, há nisso uma utilidade em relação aos prazeres.

O mesmo se sucede com a dor. Em torno disso, advertiu Malebranche: “É verdade que os homens não julgam que a dor está na agulha que os pica, do mesmo modo que julgam que o calor está no fogo.” (*Recherche*, 2004, I, XI, i, p. 132). Ou seja, nem sempre o sentimento ou a sensação que acompanha a relação com determinado objeto é compreendida como pertencente ao objeto. Neste sentido, os juízos tendem a ser equívocos no tocante aos sentimentos.

Mas Malebranche nos mostra como até juízos equívocos podem ser úteis para o corpo. Vejamos os seguintes juízos como exemplos: “O calor está no fogo”; “O dedo dói depois de picado pela agulha”; “O verde está no gramado” ou “O azul está no céu”. Com exceção dos exemplos relacionados à dor no dedo, todos os demais juízos atribuem a qualidade ao objeto.

⁸ « Le sentiment intérieur que j'ai de moi-même m'apprend que je suis, que je pense, que je veux, que je sens, que je souffre, etc.; mais il ne me fait point connaître ce que je suis, la nature de ma pensée, de ma volonté, de mes sentiments, de mes passions, de ma douleur, ni les rapports que toutes ces choses ont entre elles, parce qu'encore un coup, n'ayant point d'idée de mon âme, n'en voyant point l'archétype dans le Verbe divin, je ne puis découvrir en la contemplant ni ce qu'elle est, ni les modalités dont elle est capable, ni enfin les rapports qui sont entre ses modalités, rapports que je sens vivement sans les connaître : mais rapports que Dieu connaît clairement sans les sentir. » — SZK — A citação à obra *Entretiens sur la métaphysique et sur la Religion* de Malebranche será referenciada pela abreviatura *Entretiens* seguida do ano da edição consultada, número do diálogo, parágrafo e, em seguida, o número da página onde a citação se encontra na edição consultada.

Malebranche parece nos dizer que tudo se sucede assim. A dor está no sujeito que a sente, assim como o calor, o verde e o azul. É da disposição do órgão sensível somada com a luz que incide no objeto que resulta a verdura da grama, ou o azulado do céu.

Todavia, é útil adjetivar o objeto, pois é muito mais prático alertar alguém dizendo “Não coloque a mão aí! O fogo queima!” do que dizer “Não encoste aí, pois o contato com o fogo fará com que seus nervos conduzam uma informação até a sua glândula pineal. Isso fará com que você sinta, em consequência das leis da união da alma e do corpo, uma sensação dolorida de aversão que alertará que tal contato não contribui para a conservação do seu corpo e, por isso, estimulará o afastamento imediato deste objeto.”. Em relação à cor, poderíamos mencionar exemplos como “o sinal está vermelho” ou “esta maçã está marrom por dentro”, etc. Sendo assim, os sentidos possuem uma função epistemológica de ordem prática, “[...] pois devemos sempre lembrar que os sentidos não nos são dados para descobrir a verdade ou as relações exatas que os objetos possuem entre si, mas para conservar nosso corpo e tudo o que pode ser útil a ele.” (*Entretiens*, 1922, XII, ii, p. 276)⁹.

Assim podemos identificar uma primeira função do prazer, pois, a despeito do fato de sujeito emitir juízos falsos acerca deste sentimento e da dor, há uma utilidade destes sentimentos e, porque não o dizer, dos juízos que podem acompanhá-los. Portanto, há um motivo de ordem prática para Deus causar isso no espírito. Este motivo está relacionado com a manutenção da glória do autor da natureza, mediante a conservação de suas criaturas. Sobre isso, comentou em *Des Passions*:

Ora, nunca acontece que o corpo esteja no estado em que deveria estar, sem que a alma receba muita satisfação dele; e nunca acontece que o corpo esteja em um estado contrário ao seu bem e à sua conservação, que a alma não sofra muitas penas. (*Recherche*, 1837, V, III, p. 173)¹⁰

⁹ « ... car il faut toujours se souvenir que les sens ne nous sont pas donnés pour nous découvrir la vérité, ou les rapports exacts que les objets ont entre eux, mais pour conserver notre corps et tout ce qui peut lui être utile. » – Tradução nossa.

¹⁰ « Or, il n'arrive jamais que le corps soit dans l'état où il doit être, que l'âme n'en reçoive beaucoup de satisfaction ; et il n'arrive jamais que le corps soit dans un état contraire à son bien et à sa conservation, que l'âme ne souffre beaucoup de peine. » - Tradução nossa

Em vista desta glória consequente do reconhecimento do primor com o qual executou a Sua obra, Deus promove o prazer, de um ponto de vista prático. Porém, para além disso, há ainda outro motivo para esta promoção. Deus tende tudo para Si mesmo. Sendo o polo gravitacional para onde tudo tende, Ele opera nos espíritos fazendo com que as criaturas O amem.

Com este propósito, causa o prazer na alma, como expresso no *Traité de la nature et de la grâce*, no contexto em que o padre oratoriano define o conceito Bem. Vejamos:

A palavra *bem* é equívoca. Ela pode significar ou o *prazer* que torna formalmente feliz, ou a *causa* do prazer verdadeira ou aparente. Neste discurso tomarei sempre a palavra bem no segundo sentido, porque, com efeito, o prazer é impresso na alma a fim de que ela ame a causa que a torna feliz, a fim de que ela se transporte para ela pelo movimento de seu amor, e que ela se una estreitamente a ela para ser continuamente feliz. [...] Como somente Deus pode agir na alma imediatamente e por ele mesmo, e lhe fazer sentir prazer pela eficácia atual de sua vontade toda poderosa; só ele é o verdadeiro *bem*. (TNG, 1712, III, iv, p. 201-202)¹¹

O prazer não é causado na alma apenas como meio de alerta de que o corpo está no estado em que deve estar, mas também para orientar a alma para Deus, a causa do prazer. Sem o prazer, Deus não poderia ser amado, pois é ao causar este sentimento no sujeito que Deus inspira na alma o interesse por amá-Lo – compreensão que gerou a polêmica com Lamy. Toda prática amorosa no mundo tende a levar o sujeito para Deus, até porque, como interpreta Rafaelle Carbone no artigo *Volontà, libertà e*

¹¹ « Le mot de **bien** est équivoque : il peut signifier ou le **plaisir** qui rend formellement heureux, ou la **cause** du plaisir vraie ou apparente. Dans ce discours je prendrai toujours le mot de bien dans le second sens : parce qu'en effet le plaisir est imprimé dans l'âme, afin qu'elle aime la cause qui la rend heureuse, afin qu'elle se transporte vers elle par le mouvement de son amour, & qu'elle s'y unisse étroitement pour être continuellement heureuse.[...] Comme il n'y a que Dieu qui puisse agir en l'âme immédiatement & par lui-même, & lui faire sentir du plaisir par l'efficace actuelle de sa volonté toute puissante ; il n'y a que lui qui soit véritablement **bien**. » - Tradução nossa. — A obra *Traité de la nature et de la grâce* será referenciada a partir da sigla TNG, seguida do ano da edição consultada, livro, parágrafo e, por fim, o número da página em que a citação se encontra na edição consultada

giudizio pratico: Malebranche e la sfera dell'agire: “Como Malebranche argumenta na *Recherche de la vérité*, uma vez que Deus se ama, nos ama, ama todas as suas criaturas, não cria espírito que não esteja conduzido a amá-lo, a amar-se, a amar todas as suas criaturas.” (CARBONE, 2013, p. 05-06)¹².

Notamos, com isso, que o prazer não tem apenas um papel de ordem prática na filosofia de Malebranche, mas também uma função teológica. Mediante o prazer, a vontade do sujeito entra em um itinerário que o leva para Deus, pelo chamado do próprio Deus. O prazer impulsiona o movimento que tende para o autor da natureza, o Arquiteto, que não poderia criar o mundo de outra maneira senão com suas criaturas se inclinando para ele. É neste sentido que o prazer só pode ser um bem, pois, na ocasião do desfrute de objetos que favorecem a conservação do corpo, ele é causado por Deus com o propósito de despertar o interesse das criaturas em amá-lo. Por isso, comentou Vetö (1987, p. 489):

Ora, se o bem é compreendido em termos de prazer, é porque o prazer anuncia sempre a realização de um ser, a realização de seu movimento natural. Todos os movimentos naturais das criaturas são em direção ao bem, em direção aos bens. Eles são – nos corpos e nos espíritos – a impressão de Deus e esta impressão é boa. Todo o bem vem de Deus e tudo o que vem de Deus é bom¹³.

Esta compreensão sobre o prazer afasta em muito o nosso filósofo do estoicismo. Porém, em que medida não há uma aproximação ao epicurismo? Vejamos na próxima seção.

¹² “Come Malebranche argomenta nella *Recherche de la vérité*, poiche Dio si ama, ci ama, ama tutte le sue creature, non crea spiriti che non siamo portati ad amarlo, ad amarsi, ad amare tutte le sua creature.” — Tradução nossa.

¹³ « Or, si le bien se comprend en termes de plaisir, c'est que le plaisir annonce toujours l'accomplissement d'un être, la réalisation de son mouvement naturel. Tous les mouvements naturels des créatures vont vers le bien, vers les biens. Ils sont - dans les corps et dans les esprits - l'impression de Dieu et cette impression est bonne. Tout le bien vient de Dieu et tout ce qui vient de Dieu est bien. » — Tradução nossa.

Crítica ao estoicismo ou adesão ao epicurismo? O prazer ocasional na história das ideias (em debate)

"De sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido."

(ROSA, Guimarães, 2019, p. 43)

Conta-nos Yves-Marie André que seu mestre demonstrou desde muito cedo uma fascinante facilidade para lidar com as questões da ciência. A criança prodígio se tornou, com o passar do tempo, uma das mais populares figuras da filosofia do século XVII¹⁴. As circunstâncias, porém, não foram absolutamente favoráveis na relação do nosso filósofo com os seus estudos. Isso porque, se por um lado o espírito de Malebranche pôde ter sido considerado forte e de fluido nos raciocínios, não podemos dizer o mesmo do corpo dele

Pois se ele vem ao mundo com um espírito dos mais fortes e mais belos que nunca havia aparecido sobre a terra, ele era, ao mesmo tempo, de uma fraqueza de corpo que não o deixou um momento sequer de intervalo sem dor. Por isso ele não foi enviado para o colégio com seus irmãos. Se nisso ele ganhou ou perdeu, não decidirei. O que é certo, é que em pouco tempo ele devorou as primeiras dificuldades das ciências com uma facilidade de espírito que surpreendeu. (ANDRE, 1970, p. 04)¹⁵

¹⁴ Em torno da popularidade de Malebranche, cf, a Introdução de Plínio Junqueira Smith, cuja referência é: MALEBRANCHE, Nicolas. A busca da verdade (textos escolhidos). Trad. Plínio J. Smith. 1ªed. São Paulo: Discurso editorial, 2004.

¹⁵ « *Car s'il vint au monde avec un esprit des plus forts et des plus beaux qui aient jamais paru sur la terre, il était en même temps d'une faiblesse de corps, qui ne lui laissa toute sa vie presque pas un moment d'intervalle sans douleur. Cela fut cause qu'on ne l'envoya point au collège avec ses frères. S'il y gagna ou s'il y perdit, je n'en déciderai pas. Ce qui est certain, c'est qu'en peu de temps il dévora les premières difficultés des sciences avec une facilité d'esprit qui étonnait.* » – Tradução nossa.

Os sintomas indicados pelo biógrafo nos permitem suspeitar que ele padecia daquilo que hoje compreendemos como espinha bífida, uma má formação que aparece já no feto em decorrência da carência de folato durante o período de gestação. A consequência desta falta de ácido fólico é a dificuldade para que a medula espinhal do nascituro se desenvolva até fechar. Além da dor, há também sintomas como a presença de um calombo de gordura nas costas, a presença de pelos na região da coluna onde se situa a medula óssea, fraqueza nas pernas, escoliose e, em alguns casos, dificuldades neurológicas. Ainda que não seja nos moldes que Malebranche abordou no livro *De L'Imagination da Recherche*, trata-se, pois, de uma influência do regime alimentar materno que indica consequências no feto.

Por conta disso, o décimo terceiro filho de Nicolas Malebranche, ministro do cardeal Richelieu, e Catherine de Lauzon, aliada à casa dos Bochart de Champigny, não frequentou o colégio tal como seus irmãos. Além disso, nosso filósofo conviveu com uma constante dor, pois "Ele tinha uma conformação particular: a espinha das costas tortuosa e o esterno extremamente afundado". (ANDRE, 1970, p. 04 – nota 5)¹⁶.

Só aos 16 anos teve uma condição melhor de saúde, ou seja, durante o período em que foi estudar sob a regência de Rouillard. As coisas iam aparentemente se encaminhando bem, até que, aos 18 (dezoito) dias de abril de 1658, quando ele tinha 19 anos completados, sua mãe faleceu. Passadas duas semanas e três dias, faleceu também o seu pai. Ao que tudo indica, a perda da mãe foi significativa, pois ela deu uma atenção especial a Malebranche diante do fato de que ele não podia, durante a infância, ir até uma instituição formativa para adquirir conhecimento. Disse André sobre Catherine de Lauzon:

Todavia ele perdeu a mãe: uma perda muito significativa de um espírito raro e de grande virtude. Ela era uma senhora de um espírito raro e de uma grande virtude. Ela era aplicada particularmente em formá-lo, e pode-se dizer que foi ela a primeira responsável por esta linguagem brilhante e natural que admiramos em seus escritos. (ANDRÉ, 1970, p. 07)¹⁷

¹⁶ « Il avait une conformation particulière : l'épine du dos tortueuse et le sternum extrêmement enfoncé. » – Tradução nossa.

¹⁷ « Cependant il perdit sa mère : perte bien sensible d'un esprit rare et d'une grande vertu. Elle s'était une dame d'un esprit rare et d'une grande vertu. Elle s'était appliquée particulièrement à le

Dolorosas foram as duas primeiras décadas da vida de Malebranche, tanto por conta de sua condição fisiológica, quanto pelos acontecidos que se sucederam com ele naquele contexto. Não é vão, portanto, que encontramos no livro *Des Passions* uma crítica dele ao estoicismo, na qual ele considera ridículo o aconselhamento “[...] de não se afligir pela perda de seus amigos ou de seus bens [...]” (*Recherche*, 1837, V, ii, p. 166) para buscar a vida feliz. Ele também considerou desprovida de razão a recomendação de “[...] não nos afligirmos pela morte de um pai, da perda de nossos bens.” (*Recherche*, 1837, V, ii, p. 166)¹⁸. Não é de se admirar que sua tese acerca do prazer vá na exata contramão do que diziam os filósofos do Pórtico, alegando inclusive que se mobilizavam pelo orgulho, e não pela razão, pois

Seu orgulho lhe sustenta a coragem; mas não impede que eles sofram efetivamente a dor com inquietude e que eles não sejam infelizes. Assim, a união que eles têm com seu corpo não é destruída, nem sua dor dissipada; mas é que a união que eles têm com outros homens, fortalecida pelo desejo de sua estima, resiste de alguma forma a essa outra união que eles têm com seu próprio corpo. A vista sensata de quem os olha, e a quem estão unidos, detém o curso dos espíritos que acompanham a dor e apaga do seu rosto o ar que ali imprimiu: pois, se ninguém os olhasse, esse ar de firmeza e liberdade de espírito desapareceria imediatamente. Assim, os estoicos de alguma forma resistem à união que têm com seu corpo apenas se tornando mais escravos de outros homens, aos quais estão unidos pela paixão pela glória. É, portanto, uma verdade constante que todos os homens, por natureza, estão unidos a todas as coisas sensíveis e que, pelo pecado, são dependentes delas. Reconhecemos isso muito bem pela experiência, embora a razão pareça se opor, e quase todas as ações dos homens são provas sensatas e demonstrativas disso. (*Recherche*, 1837, V, ii, p. 166)¹⁹

former, et l'on peut dire que c'est à elle qu'il a la première obligation de ce langage brillant et naturel que l'on admire dans ses écrits. » – Tradução nossa.

¹⁸ Recuperamos a presente passagem de uma citação já feita no item 2.2. do segundo capítulo cujo trecho no original se encontra na nota 138.

¹⁹ « *Leur orgueil leur soutient le courage ; mais il n'empêche pas qu'ils ne souffrent effectivement la douleur avec inquiétude et qu'ils ne soient misérables. Ainsi, l'union qu'ils ont avec leur corps*

Em que medida este posicionamento não o aproxima da tradição do Jardim, apesar das críticas à doutrina? Malebranche afirma que todas as pessoas estão unidas aos bens sensíveis. Com exceção da parte relacionada ao pecado, a inevitabilidade de se relacionar com bens sensíveis e se colocar passível de dor e prazer, o aproxima de Epicuro.

Esta relação de proximidade não seria inédita de nossa parte, se considerarmos a história das ideias. Fato conhecido é a relação que Bayle estabeleceu, ao fazer do argumento do filósofo oratoriano um recurso para reforçar a ideia de Epicuro de que o prazer é um bem, no verbete *Épicure* do *Dictionnaire Historique Critique*.

Malebranche e o verbete *Epicure* do *Dictionnaire Historique Critique*

Malebranche apareceu no verbete *Epicure* depois de Bayle fazer uma descrição biográfica do autor grego, informando o seu nascimento em Gargentium, sua passagem por Atenas e que “Ele começou a construir uma Escola em um belo jardim que comprou.” (BAYLE, 1741, p. 365)²⁰. Mencionou também que foi um herdeiro do Sistema dos átomos de Demócrito. Porém, a relação se inicia no instante em que Bayle mencionou a noção epicuriana de felicidade ou de soberano bem, dissertando que:

Quanto à sua doutrina sobre o bem soberano ou felicidade, era muito provável que fosse mal interpretada, e efeitos ruins resultaram que desacreditaram sua Seita: mas no fundo era muito

n'est point détruite, ni leur douleur dissipée ; mais c'est que l'union qu'ils ont avec les autres hommes, fortifiée par le désir de leur estime, résiste en quelque sorte à cette autre union qu'ils ont avec leur propre corps. La vue sensible de ceux qui les regardent, et auxquels ils sont unis, arrête le cours des esprits qui accompagnent la douleur et efface sur leur visage l'air qu'elle y imprimait : car, si personne ne les regardait, cet air de fermeté et de liberté d'esprit s'évanouirait incontinent. Ainsi, les stoïciens ne résistent en quelque façon à l'union qu'ils ont avec leur corps qu'en se rendant davantage esclaves des autres hommes, auxquels ils sont unis par la passion de la gloire. C'est donc une vérité constante que tous les hommes, par la nature, sont unis à toutes les choses sensibles, et que par le péché ils en sont dépendants. On le reconnaît assez par expérience, quoique la raison semble s'y opposer, et presque toutes les actions des hommes en sont des preuves sensibles et démonstratives. » - Tradução nossa.

²⁰ « Il se mit à ériger une École dans un beau jardin qu'il acheta » — Tradução nossa.

razoável, e não se deve negar que tomar a palavra felicidade como ele a tomou, a felicidade do homem não consiste no prazer. (BAYLE, 1741, p. 368)²¹

Este comentário foi a ocasião para a menção a Malebranche, uma vez que nesta passagem ele fala da relação entre prazer e felicidade. Com isso, Bayle preparou o terreno para tematizar uma polêmica significativa do século XVII, pois, na sequência, manifestou que “Foi em vão que o Sr. Arnauld criticou esta doutrina” (BAYLE, 1741, p. 368)²². Esta frase foi a ocasião para a adição da nota “H”, na qual Bayle não apenas efetuou esta aproximação entre o padre do Oratório e o filósofo do Jardim, como operou uma defesa daquele em relação a Arnauld. André contextualizou como se deu esta defesa, informando que o contexto pedia que Malebranche se defendesse tanto destas quanto de outras críticas,

Mas enquanto ele estava sendo ordenado a se defender na França, ele estava sendo defendido na Holanda, sem que ele soubesse de nada sobre isso. Feliz se a mão que repeliu os golpes do oponente não tivesse sido uma mão calvinista. Foi o famoso Bayle, autor das *Nouvelles de la République des Lettres*, um grande espirituoso... pelos seus primeiros escritos, que não se pode ler sem deplorar a sua infelicidade de ter nascido numa religião herética e de ter seguido também as suas regras e muitos princípios até suas últimas consequências. No extrato que ele dá, nas *Nouvelles* do mês de agosto de 1685, do primeiro volume das *Réflexions philosophiques et théologiques* do Sr. Arnauld contra o Padre Malebranche, ele abraça em grande medida o partido deste último. Pois depois de ter elogiado o doutor da Sorbonne pela sua vasta erudição e sobretudo pelo fato de falar normalmente uma certa linguagem sensível que a maioria dos leitores compreende muito melhor do que a da verdade, critica-o com toda a honestidade, certo de que diz contra o filósofo sobre os prazeres dos sentidos. (ANDRÉ, 1970, p. 145)²³

²¹ « Quant à sa doctrine touchant le souverain bien ou le bonheur, elle était fort propre à être mal-interprété, & il en résulta de mauvais effets qui décrièrent sa Secte : mais au fond elle était très-raisonnable, & l'on ne faudrait nier qu'en prenant le mot de bonheur comme il le prenait, la félicité de l'homme ne consiste dans le plaisir. » – Tradução nossa.

²² « C'est en vain que Mr. Arnauld a critiqué cette doctrine » – Tradução nossa.

²³ « Mais pendant qu'on lui ordonnait en France de se défendre, on le défendait en Hollande, sans qu'il en sût rien. Heureux si la main qui repoussait les coups de son adversaire n'eût été une main calviniste. C'était le fameux Bayle, auteur des *Nouvelles de la république des lettres*, bel

De maneira sucinta, André informou que a polêmica se deu porque

O padre Malebranche sustenta que todo prazer torna atualmente feliz aqueles que o gozam, no momento em que o gozam e enquanto gozam; mas que, no entanto, devemos nos privar deles nesta vida por causa das consequências que eles têm em relação à eternidade. O Sr. Arnauld, pelo contrário, quer que esta proposição seja uma máxima epicurista, capaz de corromper toda a moralidade e que a restrição a ela acrescentada seja ilusória. (ANDRÉ, 1970, p. 146)²⁴

Em certo sentido, Bayle foi ao encontro do argumento de Arnauld, pois não negou o aspecto epicuriano na filosofia de Malebranche. Porém, não seria correto afirmar que isso implicaria em uma corrupção de toda a moral, como o crítico pretendeu. Este foi um dos pontos que Bayle observou acerca de Arnauld. Ele salientou o fato de que seria muito difícil pensar em um autor da Antiguidade que não relacionasse a felicidade com coisas materiais, ou seja, com objetos que provocam o estado de felicidade. Entretanto, Epicuro não estaria entre tais filósofos, pois ele havia pensado na felicidade em si mesma, ao invés de concebê-la na relação com outras coisas. Tal é a interpretação dele no *Dictionnaire*, conforme podemos ver:

*esprit... par ses premiers écrits, qu'on ne peut lire sans déplorer son malheur d'être né dans une religion hérétique et d'en avoir trop suivi les principes jusqu'à leurs dernières conséquences. Dans l'extrait qu'il donne, dans les **Nouvelles** du mois d'août 1685, du premier volume des **Réflexions philosophique et théologiques** de M. Arnauld, contre le P. Malebranche, il embrasse un pont le parti de ce dernier. Car après avoir loué le docteur de Sorbonne de sa vaste érudition et surtout de ce qu'il parle ordinairement un certain langage sensible que la plupart des lecteurs entendent bien mieux que celui de la vérité, il le critique fort honnêtement sûr qu'il dit contre le philosophe sur les plaisirs des sens. » – Tradução nossa.*

²⁴ « Le P. Malebranche soutient que tout plaisir rend actuellement heureux ceux qui jouissent, pour le moment qu'ils en jouissent et autant qu'ils en jouissent ; mais que néanmoins il faut s'en priver dans cette vie à cause des suites qu'ils ont par rapport à l'éternité. M. Arnauld veut au contraire que cette proposition soit une maxime épicurienne, capable de corrompre toute la morale et que la restriction qu'on y ajoute est illusoire. » – Tradução nossa.

É claro que eles [os filósofos da Antiguidade] atribuíram a ideia de bem-aventurança, não à sua causa formal, mas à sua causa eficiente; isto é, eles chamaram de felicidade o que julgaram capaz de produzir em nós o estado de felicidade, e não disseram qual é o estado de nossa alma quando ela é feliz. Epicuro não tinha uma visão errada, ele considerava a bem-aventurança em si mesma, e em seu estado formal, e não de acordo com a relação que ela tem com seres completamente externos, como causas eficientes. Esta maneira de considerar a felicidade é, sem dúvida, a mais exata e a mais digna de um Filósofo. (BAYLE, 1741, p. 368)²⁵

Neste sentido, Epicuro pensou que a busca da felicidade deve se conduzir mediante uma orientação para as causas da felicidade, no lugar das coisas materiais que a produzem. Podemos perceber que ele se distingue desta concepção que Bayle atribuiu à Antiguidade, recordando a *Carta a Meneceu*, na passagem em que há uma advertência de que, mesmo sendo o prazer o fim último para a vida feliz, não se trata de qualquer prazer — como vimos anteriormente.

Peixes, vinhos, rapazes e mulheres não conduzem necessariamente para uma vida feliz, sobretudo se proporcionarem uma fruição caracterizada pelo excesso. Foi neste sentido que Bayle argumentou que, diferentemente do que havia sugerido Arnauld, uma doutrina pautada no prazer não representava uma negação a toda e qualquer moral.

Epicuro fez bem em escolhê-la, e usou-a tão bem que ela o levou precisamente para onde ele precisava ir: o único dogma que poderia ser razoavelmente estabelecido ao longo deste caminho era dizer que a bem-aventurança do homem consiste em estar à vontade, e na sensação de prazer, ou em geral no contentamento da mente. Isto não prova que a felicidade humana esteja estabelecida na boa alimentação e no comércio impuro que os

²⁵ « Il est clair qu'ils [les philosophes de l'Antiquité] ont attaché l'idée de la béatitude, non pas à sa cause formelle, mais à sa cause efficiente ; c'est-à-dire, qu'ils ont appelé notre bonheur ce qu'ils ce qu'ils ont juge capable de produire en nous l'état de félicité, & qu'ils n'ont point dit quel est l'état de notre âme quand elle est heureuse. Epicure n'a point pris le change, il a considéré la béatitude en elle-même, & dans son état formel, & non pas selon le rapport qu'elle a à des êtres tout-à-fait externes, comme sont les causes efficientes. Cette manière de considérer le bonheur est sans doute la plus exacte, & la plus digne d'un Philosophe. » — Tradução nossa.

sexos podem ter entre si; porque no máximo elas só podem ser causas eficientes, e não é disso que se trata: quando se trata das causas eficientes do contentamento, nós apontaremos as melhores para você; você será mostrado, por um lado, os objetos mais capazes de preservar a saúde do seu corpo e, por outro, as ocupações mais propensas a prevenir a ansiedade da sua mente: portanto, você será prescrito sobriedade, temperança e a luta contra a paixões tumultuadas e desordenadas que tiram da alma o seu estado de beatitude, isto é, a aquiescência suave e tranquila à sua condição. Esses eram os prazeres (*voluptez*) nos quais Epicuro fazia consistir a felicidade humana. (BAYLE, 1741, p. 368)²⁶

Considerando a maneira como Epicuro pensou que a busca da felicidade necessita da temperança ou da fuga do estado de inquietude, podemos concluir que o prazer não se trata necessariamente da busca por um determinado objeto, mas do estado de fruição da tranquilidade obtida por um gozo equilibrado dos prazeres, de acordo com a conveniência para a saúde do corpo e a serenidade da alma. Esta condição é a *volupté* nas interpretações de Epicuro. Trata-se, sendo assim, de um conceito que não deveria ocasionar alarde, tal como propôs Gassendi e, na mesma linha argumentativa, Bayle:

Nós deliramos sobre a palavra volúpia; as pessoas que já eram mimadas abusavam dela; os inimigos de sua Seita aproveitaram-se disso, e assim o nome de epicurista tornou-se muito odioso. Tudo isso é acidental ao dogma e não impede

²⁶ « *Epicure a donc bien fait de la choisir, & il s'en est si bien servi, qu'elle l'a conduit précisément où il fallait qu'il allât : le seul dogme, que l'on pouvait établir raisonnablement selon cette route, était de dire que la béatitude de l'homme consiste à être à son aise, & dans le sentiment du plaisir, ou en général dans le contentement de l'esprit. Cela ne prouve point que l'on établit le bonheur de l'homme dans la bonne chère, & dans le commerce impur que les sexes peuvent avoir l'un avec l'autre ; car tout au plus ce ne peuvent être que des causes efficientes, & c'est de quoi il ne s'agit pas : quand il s'agira des causes efficientes du contentement, on vous marquera les meilleures ; on vous indiquera d'un côté les objets les plus capables de conserver la santé de votre corps, & de l'autre les occupations les plus propres à prévenir l'inquiétude de votre esprit : on vous prescrira donc la sobriété, la tempérance, & le combat contre les passions tumultueuses & déréglées qui ôtent à l'âme son état de béatitude, c'est-à-dire, l'acquiescent doux & tranquille à sa condition. C'étaient là les volupté (**voluptez**) où Epicure faisait consister le bonheur de l'homme.* » — Tradução nossa.

Epicuro de ter filosofado solidamente. É claro que ele cometeu uma grande falta ao não reconhecer que somente Deus pode produzir em nossa alma o estado que a torna feliz. (BAYLE, 1741, p. 368)²⁷

Feita esta contextualização, Bayle abordou o texto de Malebranche, propondo que Epicuro se enganou ao não reconhecer Deus como causa dos prazeres. Essa interpretação permite uma aproximação com a doutrina de Gassendi, que, conforme vimos, defendia a síntese entre a doutrina cristã e a filosofia hedonista de Epicuro. Na *Carta a Meneceu* percebemos com nitidez que, para ele, os deuses em nada interferem na vida humana, pois vivendo numa condição de bem-aventurança, manifestam indiferença às coisas de natureza diferente deles, pois

Os deuses de fato existem e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essa não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses. Ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles. (EPICURO, 2002, p. 27)

Não há, portanto, uma ação direta dos deuses na vida humana. Na doutrina de Malebranche, há algo de semelhante, pois Deus não age por vontades particulares, o que significa dizer que benefícios e malefícios são distribuídos no mundo sem uma intenção deífica direta – o que veremos na penúltima seção deste capítulo. No entanto, para Malebranche Deus é a causa destes benefícios e malefícios, ainda que tal distribuição vá na contramão de alguns atributos divinos.

²⁷ « On se recria sur le mot de volupté ; les gens qui étaient déjà gâtez en abusèrent ; les ennemis de sa Secte s'en prévalurent, & ainsi le nom d'Epicurien devint très-odieux. Tout cela est accidentel au dogme, & n'empêche pas qu'Epicure n'ait solidement philosophé. Bien entendu qu'il commettait une grande faute, en ne reconnaissant pas qu'il n'y a que Dieu qui puisse produire dans notre âme l'état qui la rend heureuse. » – Tradução nossa.

A acusação de um erro na doutrina de Epicuro, oriunda do fato de que este não reconheceu uma associação entre os prazeres e a divindade, tomou como base a tese de Malebranche. Bayle acreditou que esta proposta era a mais adequada, a despeito das críticas de Arnauld. A respeito da querela, ele comentou:

Passemos a Arnauld. Ele critica com todas as suas forças esta doutrina do padre Mallebranche, *todo prazer é um bem, na verdade, e torna feliz aquele que o goza*. O autor das *Nouvelles République des Lettres*, oferecendo o *Extrait du Livre de Mr. Arnauld*, declarou-se neste Verbete em favor do padre Mallebranche. *Não há nada de mais inocente*, disse ele, *nem de mais certo do que dizer que todo prazer torna feliz aquele que o goza no momento em que goza, e que, no entanto, é preciso fruir os prazeres que nos conectam ao corpo...*, Mas, diz-se, *é a virtude, é a graça, é o amor de Deus, ou melhor, é somente Deus, que é a nossa bem-aventurança. Em concordância como instrumento ou causa eficiente, como falam os Filósofos; mas como causa formal, é o prazer, é o contentamento que é a nossa única felicidade*. (BAYLE, 1741, p. 368)²⁸

Entrando na polêmica que anteriormente só envolvia Arnauld e Malebranche, da qual falaremos mais adiante, Bayle endossou o argumento do filósofo oratoriano, acusando a irrazoabilidade da proposta de Arnauld segundo a qual o prazer prescindiria de uma dimensão material. O ponto em questão diz respeito, portanto, ao que serve de ocasião para o prazer, isto é, o vinho, o alho poró etc. Se a matéria está separada do corpo, não há a necessidade de um objeto concreto para ocasionar esta sensação.

²⁸ « Passons à Mr. Arnauld. Il critique de toutes ses forces cette doctrine du P. Mallebranche, Tout plaisir est un bien, & rend actuellement heureux celui qui le goûte. L'Auteur des *Nouvelles de la République des Lettres*, en donnant l'*Extrait du Livre de Mr Arnauld*, se déclara sur cet Article pour le P. Mallebranche. Il n'y a rien de plus innocente, dit-il, ni de plus certain que de dire, que tout plaisir rend heureux celui qui en jouit pour le temps qu'il en jouit, & que néanmoins il faut fuir les plaisirs qui nous attachent aux corps... Mais, dit-on, c'est la vertu, c'est la grâce, c'est l'amour de Dieu, ou plutôt c'est Dieu seul, qui est notre béatitude. D'accord en qualité d'instrument ou de cause efficient, comme parlent les Philosophes; mais en qualité de cause formelle, c'est le plaisir, c'est le contentement qui est notre seule félicité. » – Tradução nossa.

Diante disso, Bayle faz apelo a um aspecto essencial da filosofia de Malebranche: a diferença entre sentimentos e ideias, entre conhecer e sentir, presente na *Troisième Entretien* sobre a metafísica. Sem negar a plausibilidade do argumento de Arnauld, ele efetuou um balanço a partir do qual, ainda assim, seguiu em defesa do padre do Oratório. Vejamos:

A relação das nossas ideias com o seu objeto é essencial e ele [Arnauld] está certo ao dizer que Deus não poderia fazer com que a ideia do círculo estivesse separada em relação ao círculo. Mas, não é o mesmo em relação aos nossos sentimentos. Nossa alma poderia sentir frio sem relacioná-lo a um pé ou a uma mão, assim como ela sente a alegria de uma boa notícia e a tristeza, sem relacioná-la a nenhuma parte do corpo. E se enquanto ela está unida ao corpo ela relaciona a alguma parte desse corpo a dor e certos prazeres, a sensação de queimadura, cócegas, etc, é somente por um estabelecimento completamente livre do Autor de sua união com o corpo, é somente para que ela possa cuidar melhor para conservar a máquina que é unida a ela. (BAYLE, 1741, p. 368)²⁹

Os sentimentos dão indícios da existência do corpo, pois é para conservar a “máquina” que temos sentimentos interiores tais como a dor e o prazer. Esses sentimentos não estão relacionados a algo exterior, conforme vimos anteriormente. As sensações não estão diretamente relacionadas a coisas externas, mas os sentimentos nos permitem suspeitar da existência de um corpo que é a ocasião do que se sente. O sentimento de alegria, por exemplo, não tem nenhuma relação com a sensação que nos permite ver um triângulo.

Para Malebranche, os sentimentos confundem a razão, mas ajudam o corpo. Em função dos sentimentos, incorremos em juízos falsos, como o de que o fogo é dotado de calor, como já mencionamos. Nesta ilustração, o

²⁹ « Le rapport de nos idées à leur objet est essentiel ; & il a raison de dire que Dieu ne pourrait pas faire que l'idée du cercle fût séparée du rapport au cercle. Mais n'en va pas de même de nos sentiments. Notre âme pourrait sentir du froid sans le rapporter à un pied, ni à une main, tout comme elle sent la joie d'une bonne nouvelle & le chagrin, sans le rapporter à aucune des parties du corps ; & si pendant qu'elle est unie à un corps elle rapporte à quelque partie de ce corps la douleur & certains plaisirs, le sentiment de brûlure, le chatouillement, &c, ce n'est que par un établissement tout-à-fait libre de l'Auteur de son union avec le corps, ce n'est qu'afin qu'elle puisse mieux veiller à conserver la machine qui lui est unie. » – Tradução nossa.

correto seria propor que a proximidade do corpo com a chama faz com que Deus cause o sentimento de calor. Isso porque “[...] é, portanto, evidente que os sentidos não são dados a nós senão para a conservação de nosso corpo e não para nos ensinar a verdade” (*Recherche*, 1837, I, cap. X, v, p. 26)³⁰. Nossos órgãos sensoriais podem perceber a realidade e descobrir verdades. Mas, como os sentidos são seguidos de sentimentos, escapamos à condição favorável para a obtenção do conhecimento e damos atenção à experiência, e, num estado de inquietude, tomamos os sentimentos pelo objeto dos sentidos.

O mesmo ocorre com o prazer. A condição epistêmica humana é demarcada por seus limites, na doutrina de Malebranche. Disso se segue a condição de equivocidade dos juízos, de modo que a prática de tomar um objeto pelo sentimento fruído na sensação com ele se torna comum por sua utilidade. Ou seja, da mesma forma que exprimimos que “o fogo queima”, também podemos incorrer no equívoco de formular que “o vinho é prazeroso”.

Os sentimentos são, sendo assim, muito úteis para ajudar na conservação do corpo. Ainda que juízos tomados com base nos sentimentos sejam falsos, eles podem auxiliar na manutenção da vida do corpo. Tal é a função do corpo na filosofia de Malebranche, ou seja, a de ajudar a alma a conservar o corpo que é unido a ela, porque

Se esta razão cessasse, não seria mais necessário que ela trouxesse seus sentimentos para fora de si mesma, e, no entanto, ela seria sempre suscetível à modificação que chamamos dor, prazer, frio, calor: Deus poderia imprimir nela todas essas modificações. ou sem ser regulado por nenhuma causa ocasional, ou sendo regulado por uma causa ocasional que não seria um corpo, mas os pensamentos de alguma mente. O Autor da Arte de Pensar tem razão ao dizer que é bem possível que uma alma separada do corpo seja atormentada pelo fogo do Inferno ou do Purgatório. E que ela sentia a mesma dor que se sente quando se é queimado, pois mesmo quando ela estava no corpo, a dor da queimadura estava nela, e não no corpo. E que não era nada mais que um pensamento de tristeza que ela sentia, por ocasião do que estava acontecendo no corpo ao qual Deus a havia unido. Mas ele não está certo ao supor que Deus deveria dispor de uma certa

³⁰ « il est donc évident de tout ceci que les sens ne nous sont donnés que pour la conservation de notre corps, et non pour apprendre la vérité. » — Tradução nossa.

porção de matéria em relação a um espírito, de modo que o movimento dessa matéria fosse uma ocasião para esse espírito ter pensamentos angustiantes. (BAYLE, 1741, p. 368)³¹

Com efeito, não há necessidade do corpo para que o *moi* tenha sensações e sentimentos. Podemos ter tais experiências nos sonhos. Não há a necessidade senão da alma e de Deus para sentir de ambas as formas. Mas Malebranche não viu nenhuma razão para isso, senão a conservação do corpo. A ocasião da matéria – seja no exterior ou no interior do organismo, pelos movimentos dos espíritos animais – provoca Deus, ser imaterial, a causar os sentimentos na alma também imaterial. É por esse motivo que Deus não precisa ser matéria. Nesta direção, Bayle argumentou:

Um ser completamente imaterial poderia desempenhar a função de tal causa ocasional, e nesse caso nossa alma poderia sentir o mesmo prazer que chamamos sensual e corpóreo; poderia, eu digo, senti-lo no sentido de se relacionar com uma boca, ou de um ouvido, como atualmente relacionamos com o prazer da boa comida e da Música. Daí se conclui que o prazer, seja qual for o tipo que supomos que seja, pode tornar a alma feliz em qualquer estado que supomos que ela esteja unida ou não à matéria. (BAYLE, 1741, p. 368)³²

³¹ « Si cette raison cessait, il ne serait plus nécessaire qu'elle rapportât hors de soi ses sentiments, & néanmoins elle serait toujours susceptible de la modification qu'on nomme douleur, plaisir, froid, chaud : Dieu pourrait lui imprimer toutes ces modifications ou sans se régler sur aucune cause occasionnelle, ou en se réglant sur une cause occasionnelle qui ne serait pas un corps, mais les pensées de quelque esprit. L'Auteur de l'Art de penser à raison de dire *qu'il est très-possible, qu'une âme séparée du corps soit tourmentée par le feu ou de l'Enfer ou du Purgatoire. Et qu'elle sente la même douleur que l'on sent quand on est brûlé, puis que lors même qu'elle était dans le corps, la douleur de la brûlure était en elle, et non dans le corps. Et que ce n'était autre chose, qu'une pensée de tristesse qu'elle ressentait, à l'occasion de ce qui se passait dans le corps auquel Dieu l'avait unie.* Mais il n'a pas raison de supposer qu'il faudrait que Dieu disposât tellement une certaine portion de la matière à l'égard d'un esprit, que le mouvement de cette matière fût une occasion à cet esprit d'avoir des pensées affligeantes. » – Tradução nossa.

³² « Un être tout-à-fait immatériel pourrait faire la fonction d'une telle cause occasionnelle, & en ce cas-là notre âme pourrait sentir le même plaisir que nous nommons sensuel & corporel, elle le pourrait, dis-je, sentir dans le rapporter à une bouche, ou à une oreille, comme nous y rapportons présentement le plaisir de la bonne chère & de la Musique. D'où il résulte que le plaisir, de quelque espèce qu'on le suppose, peut faire le bonheur de l'âme en quelque état qu'on la suppose, unie ou non avec la matière. » – Tradução nossa.

Deus pode causar a dor ou o prazer na ocasião de um objeto exterior ou não. De todo modo, é preciso do corpo para ocasionar, promovendo a ocasião ou recebendo certos estímulos. Mas, sendo a ocasião, o corpo não é a causa. A causa é Deus. Portanto, Deus causa o prazer que torna feliz quem goza deste prazer. “Além disso, Malebranche sustentou que não se pode amar nenhum objeto, incluindo Deus, a menos que se tenha prazer nele.” (KREMER, 2000, p. 199)³³. Em decorrência desta tese, Malebranche foi comparado a Epicuro na história das ideias. Guardadas as devidas proporções, podemos inferir que ambos os filósofos pensaram que a vida deveria ser orientada segundo um princípio de *eudaimonia*, na busca pela felicidade, e que um desvio, ainda que temporário, para o prazer seria obrigatório no itinerário para a felicidade.

Em certo sentido, a biografia do padre oratoriano nos permite compreender como uma perspectiva possível que a convivência diária com a dor justificaria um posicionamento contrário ao estoicismo. Além disso, é possível supor que o prazer não seria algo tão condenável. Na doutrina de Malebranche, isso acarreta um problema. O pecado que acompanha o prazer seria um desvio? Em certo sentido, o desvio é um pecado. Mas, por ser um pecado, é necessariamente um mal? Em que sentido? Buscaremos responder a estas interrogações numa próxima oportunidade.

Conclusão

Neste artigo observamos como Malebranche desenvolve o conceito de prazer a partir do modo como ele o utiliza como um operador conceitual no interior de sua filosofia, a partir de sua biografia que se confunde com uma experiência dolorosa patológica — o que nos permite inferir uma motivação para a recusa pelo estoicismo — e, a partir da repercussão de sua obra nos debates filosóficos ocorridos no contexto do século da Luzes.

³³ “Furthermore, Malebranche held that one cannot love any object, including God, unless one takes pleasure in it.” — Tradução nossa.

No horizonte do conceito do prazer, identificamos que ele opera como uma mediação para a experiência com Deus. Deus quer a sua Glória e quer que sua obra seja amada por suas criaturas. O prazer seria um estímulo que resulta do apreço das criaturas em relação às coisas criadas para promover essa felicidade e a conservação da criatura humana. Assim, Malebranche sugere um hedonismo, associando o prazer com a felicidade, felicidade esta que reside em Deus.

Em seguida, mediante a biografia do autor, compreendemos a forma na qual as suas vivências com seu quadro patológico – padecendo com as dores causadas pela *espinha bífida* – pode ter ensejado no autor um desprezo pelo estoicismo. Além disso, ele também considera que a filosofia estoica é humanamente impraticável, uma vez que os seres humanos são seres passionais, que possuem uma relação muito íntima com os afetos.

Ao observar a repercussão da obra de Malebranche no que se refere ao prazer, notamos que a própria tradição filosófica o associou a Epicuro. Bayle fez de Malebranche protagonista na nota H do seu verbete *Épicure*, aproveitando o ensejo de um debate sobre o filósofo helenista, para contextualizar a querela entre Malebranche e Arnauld sobre o tema. A interpretação de Bayle endossa nossa tese segundo a qual Malebranche propôs uma filosofia hedonista, atualizando o epicurismo para o contexto da modernidade.

Referências

ANDRÉ, Yves-Marie. *La vie du R. P. Malebranche : prêtre de l'Oratoire, avec l'histoire de ses ouvrages*. Genève: Slatkine Repoints, 1970.

ALQUIÉ, Ferdinand. *Le cartesianisme de Malebranche*. Paris : J. Vrin, 1974.

BAYLE, Pierre. *Dictionnaire Historique Critique* (note « H » de l'Article « Épicure »). 6^a ed. Brandmuller : Lucerne, 1741, p. 365-368. In : https://books.google.com.br/books?id=zcn2Gri-id8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false .

Acesso em 30 ago. 2021.

CARBONE, Raffaele. « *Volontà, libertà e giudizio pratico : Malebranche e la sfera dell'agire* », *Philosophia. Bollettino della Società italiana di storia della filosofia*, vol 3, n. 1, p. 101-128, 2013.

DEPRUN, Jean. *La Philosophie de l'Inquiétude en France au XVIIIe Siècle*. Paris : J. Vrin, 1979, p. 10-18 ; p. 185-210.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. Trad. Álvaro Lorencini e Enzo De Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KREMER, Elmar J. *Malebranche on Human Freedom*. In: NADLER, Steven (ed). ***The Cambridge Companion to Malebranche***. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MALEBRANCHE, Nicolas. *Diálogos sobre a metafísica e a religião*. (Trad. Sacha Zilber Kontic). No prelo.

_____. *De La Recherche de la Verité*. In : MM. de Genoude ; Lourdeux (org). *Œuvres complètes*. Paris : Libraire de Sapia, 1837.

_____. *Entretiens Métaphysique*. In: SIMON, Par M. Jules (org). ***Œuvres de Malebranche***. Paris: Charpentier, 1846

_____. *Traité de la Nature et de la Grace*. Roterdã: Reinier Leers, 1712.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas — “O diabo na rua, no meio do redemoinho. 22ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

STENCIL, Eric. *Malebranche and the General Will of God*. ***British journal for the History of Philosophy***. 1107-1129, 2011

VETÖ, Miklos. *Le rien de la liberté : Malebranche et la philosophie de la volonté*. ***Revue de Métaphysique et de Morale***, vol. 92, n. 4, p. 473-502, Octobre-Décembre 1987.